

A ORIGEM DAS GALLINHAS

Interessando-nos mais, aquillo que conhecemos melhor, pensamos dever fazer aqui, não a historia das gallinhas, o que seria ultrapassar os limites d'um artigo, mas em poucas palavras, recordar a origem d'ellas e o que foi escripto sobre este assumpto nos tempos antigos, assim como o papel extraordinario que muitas vezes representaram.

Os naturalistas no que respeita á origem das gallinhas, não estão todos de accordo. Buffon encontrou difficuldades: «Nas innumeras especies diferentes de gallos, como poderíamos nós remontar á raiz primitiva? Os gallos selvagens que vivem nos paizes quentes da Asia, poderiam ser considerados como o tronco de geração de todos os gallos d'estas regiões, mas como não existe nos nossos paizes temperados nenhuma ave selvagem que se assemelhe perfeitamente ás nossas gallinhas domesticas, não se sabe a qual das raças ou das variedades se deve dar a primazia.»

Segundo Darwin, devemos considerar a raça Asiatica de Bankiva como a origem de nossas raças domesticas ou: «ao menos como a fôrma mais antiga e semelhante ás raças actuaes: o gallo de briga.»

Mao grado as divergencias sobre o assumpto dessa origem, a maior parte dos Zoologos concordam em admittir que o gallo foi verdadeiramente domesticado na Europa, só depois do VI seculo A. C. No entanto Milne-Edwardes escrevia, no relatorio da Academia das Sciencias de Pariz, que o gallo vivia na Europa em tempos mui remotos; ossamentas dessa ave foram encontradas junto ás do rhinoceronte e do grande Felis. Esta declaração foi confirmada pelo professor Tetlès que desenterrou a ossamenta d'uma cabeça de gallo dos destroços quaternarios d'Osmutz, na Moravia, e num artigo publicado por elle no *Zoologischer Garten* traz, para a Europa Oriental, a presença do gallo para o periodo terciario, e, para a Europa Occidental, para o periodo quaternario.

O pequeno numero d'ossamentas descoberto n'essa epocha não permite entretanto affirmar que o gallo era, no tempo do grande Felis o commensal do homem; mas antes, tinha sido, por um modo excepeional, transportado para ahi por elle.

Não obstante isto, a maior parte dos autores tratando de «Gallinhas» dizem, com Darwin, que são originarias da Asia onde ainda se encontram em estado selvagem, como em Ceylão e na Birmanhia, em Java e em diversas ilhas do Archipelago da Sonda, vindo ellas dos *Gallus giganteus*, *G. Bankiva*, *G. Someratti*, conhecidos dos tempos mais antigos, e dos quaes um grande numero d'autores da antiguidade se occuparam.

Desse assumpto a Biblia não se occupa; só fala no pombo: mas o Koran, ensina-nos que, no paraíso de Mahomet, as horas são marcadas pelo canto do gallo e o Zend Avesta, livro sagrado dos Persas, que o senhor do mundo, Ormuzd, na sua magnanima generosidade, fez doação dessas aves aos humanos. Entretanto, sendo assim, os Sybaritas, que se tornaram conhecidos pelo seu ocio, não souberam apreciar este presente porque, em Sybaris, o gallo era

bannido por causa do seu canto natural. Embora isso, este canto tinha, no dizer dos poetas da antiguidade, uma utilidade inconteste: prevenir os amantes do clarear do dia.

Cicero não era dessa opinião, numa carta ao seu amigo Atticus, cavalleiro romano, escreve elle: «Si o gallo canta ao despontar a aurora é um pouco como *dilettanti* e também para mostrar o cuidado que elle tem na guarda de seu harem.»

Nessa época, os agoureiros e os aruspices, que prediziam o futuro pela inspecção dos intestinos das suas victimas, presagiavam também conforme o appetite que tinham os frangos sagrados, creados num templo especialmente para este fim: maior era a fome mais parecia-lhes o futuro côr de rosa. Com muita seriedade Plinio dizia: «Elles commandam as legiões e decidem das victorias; pela bocca dos juizes fazem justiça.» Esta figura sobrenatural dada aos gallinaceos não impedia, em todo caso, de achar a carne succulenta e de citar as leis sumptuarias de Sparta que autorizavam a servir na mesa um só gallo de capoeira. «Os frangos engordados a mingão com leite, quando crescem, tornam-se deliciosos», observa elle.

A fé nessas predições supersticiosas durou pouco e Annibal graeejava com o rei Prusias II, o qual em vez de attender aos seus generaes, pediu conselhos aos gallistas.

Claudius Pulcher, antes da batalha naval de Drepane, tinha-os consultado mas, como elles não comiam ao seu desejo para assegurar-lhe a victoria, mandou atiral-os ao mar: «Não querem comer, que bebam.»

Varrão, um dos sabios mais extraordinarios do seu tempo, no dizer de Cicero, pelos seus amplos conhecimentos encyclopedicos, escreveu no seu *De re rustica* que, na quinta, a gallinha occupava ao principio um lugar inferior, para depois entrar no viveiro em companhia dos tordos e dos pombos, das rolas e dos pavões, ao lado da coelheira e da piscina. Tendo com ellas um cuidado especial, as destinadas ao consumo eram assim tratadas: depois de ter arrancado uma parte das pennas maiores das azas, dava-se-lhes a comer, duas vezes por dia, massa de farinha de cevada, misturada com farinha de linhaça diluida. Vinte e cinco dias depois d'este tratamento as gallinhas estavam no ponto desejado. Querendo-se uma especie de primeira qualidade, addicionava-se ao mingão um vinho capitoso.

Os avicultores de então eram generosos: «Um casal de pombos bem notados e de boa raça, eram comprados em Roma ao preço de 1.000 numinis, approximadamente 400\$000 de nossa moeda.

Columelle, no seu interessante tratado — lendo-o admiramos-nos de que a agricultura tenha, desde o 1.º seculo e relativamente ao tempo, feito tão pouco progresso, que me perdoem os doutores em agronomia — indica as qualidades que devem ter os bons gallos: «muito lascivos e soberbos, o peito largo e musculoso; sem acanhamento algum; os mais ardentes á reproducção devem ser escolhidos; o numero das unhas de cinco; a crista alta, encarnada côr de sangue e direita; os olhos vermelhos ou denegridos; o bico curto, a gravata encarnada e embranquecida, pendente como a barba d'um ancião; as asas fortes parecendo-se a uns braços. Ainda que não sejam destinados a brigas e á gloria dos triumphos, todavia apreciava-se num gallo a coragem e a audacia». Elle constata que, com uma bem cuidada educação, os gallos de briga podem ser para o dono dum producto lucrativo, mas sendo este producto um pouco

duvidoso, são preferidos os gallos e as gallinhas destinadas ao consumo. Mostra-se escandalizado d'um cazal de pombos ter custado 4.000 numinis — (1:920\$000 de nossa moeda): «mas, reflectindo, não será melhor despende suas rendas d'este modo, do que empregal-as em caçadas no Phase ou nos banhados da Moëtida para, na sua embriaguez, ter a satisfação de arrotar os passaros do Gange e do Egypto?» Fala tambem do engorde dos capões dos quaes não se suprimia nada, a não ser os esporões cortados a ferro quente; fechavam-se elles em logar obscuro numa caixa estreita com duas aberturas por onde passava n'uma a cabeça, e noutra a cauda; assim alojados eram alimentados com uma massa feita de farinha de cevada.

Socrates egualmente, até certo ponto, apreciava as gallinhas, declarando-nos: «Si aturo os gritos dellas é porque me dão ovos e os de Xantippa, minha mulher, é porque me dá filhos.»

O imperador Constantino deixou um escripto tratando da gallinicultura no qual falla d'incubação artificial, isto no anno 300!

Não é somente na Europa que se occupavam das gallinhas: o Egypto, paiz do qual a civilização é, sem duvida, a mais antiga das civilizações humanas, no tempo dos Pharaós, já possuia seus *mam-mals* e *farrang*, ou fabricas de pintos. A direcção estava aos cuidados dos sacerdotes d'Isis. Actualmente ainda existem estes fornos e um só delles, segundo um relatorio ao seu governo, do Consul dos Estados-Unidos no Cairo, fornece, em tres mezes, 230.000 pintos.

A China já tinha seus *paojangs*.

No decorrer dos seculos os homens dedicaram sempre o mais vivo interesse á criação das aves domesticas. Citemos para memoria o adjutorio dado pelos reis de França Carlos VII, Francisco I, Henrique IV; os trabalhos do physico italiano Giambatista Porta, inventor duma machina para incubação a ar quente, cuja invenção quasi o levou a ser queimado vivo, accusado de feitiçaria. Teria sido no entanto um justo castigo; pois não aconselhava elle para comer um ganso delicioso, a assal-o vivo e saboreal-o, com o coração ainda palpitante!

Lembremos ainda o reverendo padre hespanhol Juan Gonzalez, cuja obra foi traduzida em francez, no anno 1600, por Luc de la Porta; Reaumur auctor d'um tratado em 3 volumes intitulado «a arte de dar vida em qualquer epocha a aves domesticas de todas as especies», publicado em 1749; o abbade Copineau e outros muitos.

Afim de não passar os limites marcados para este artigo terminaremos dizendo que o gallo não existia na America, quando foi descoberta. Dizem que os primeiros foram importados em 1535 por Federmann no Plateau de Bogotá e, no Brazil pelos portuguezes. A America do Sul conta hoje um grande numero d'elles. Um recenseamento feito, ha alguns annos, na Republica Argentina, para esse paiz sómente, marca approximadamente 16.000.000.

O antigo continente que forneceu o gallo á America recebeu d'ella o peru e o pato da Barbaria (*Attas Moschata* L.) do qual em breve falaremos.

André Goubet.